

INTERPRETANDO 1 CORÍNTIOS 11 USANDO A CULTURA DE HOJE¹

David Phillips²

A Mesa do Senhor: um símbolo com o qual já estamos familiarizados

Trata-se da passagem que um irmão recita toda vez que introduz a Ceia do Senhor (também conhecida como Comunhão ou Eucaristia): “Isto é o meu corpo, que é partido por vós... Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim.” Essas são as palavras de Jesus, citadas pelo Apóstolo Paulo em 1 Coríntios 11.

Para instituir a Ceia do Senhor, Cristo tomou uma prática ancestral (a celebração da Páscoa) e lhe deu um significado novo e poderoso. Comer a refeição da Páscoa já era uma tradição estabelecida na cultura israelita por centenas de anos. Mas a sua adaptação divina por Jesus tornou-se uma prática honorável da Igreja cristã. Dois mil anos depois, a Mesa do Senhor é ainda celebrada regularmente ao redor do mundo.

O que foi necessário para transformar esta tradição judaica numa nova prática cristã universal? Vemos a combinação de três fatores: (1) uma descrição da nova prática simbólica; (2) uma explicação das *razões unicamente cristãs* para a nova prática simbólica, e (3) um mandamento incondicional para a realização da nova prática simbólica. Acerca da Mesa do Senhor, cada um destes componentes foi fornecido por Jesus, ensinado pelos Apóstolos, e mantido nas páginas da Escritura para os cristãos ao longo da história.

Mas há algo interessante: a prática – e o significado por trás – da Ceia do Senhor não tem qualquer relação com a cultura ocidental moderna. Ainda assim, separados cerca de 2.000 anos de seu início, os crentes de hoje sentem-se bastante confortáveis em continuar esta prática ancestral. Por causa dos três componentes-chave listados acima, os cristãos afirmam que Deus pretendeu que a Mesa do Senhor se estendesse para muito além das assembleias locais do Século I.

Contudo, seria fácil às assembleias modernas encontrarem razões para deixar esta tradição de lado. Por exemplo, os cristãos poderiam simplesmente dizer...

- “A Ceia do Senhor não é compreendida por qualquer pessoa de nossos dias. Se nós a praticássemos em nossa assembleia, os visitantes ficariam confusos. Eles poderiam até mesmo considerar sair se começássemos a falar sobre comer o corpo de Jesus e beber o Seu sangue.”
- “Jesus e Seus discípulos eram judeus, e eles estavam empregando uma prática judaica. Mas nós não somos uma assembleia judaica, e não estamos tentando importar a cultura judaica na nossa assembleia.”
- “As pessoas de hoje em dia querem substância, não rituais. A Ceia do Senhor era apenas uma tradição simbólica – a realidade está no próprio Cristo. Experimentar apenas Jesus pessoalmente é mais do que suficiente para nós.”

A despeito de respostas como estas, a Ceia do Senhor é um sólido componente do cristianismo – do ponto de vista tanto histórico quanto bíblico. A maioria dos crentes concordaria que uma congregação que decidiu que a Mesa do Senhor não é mais relevante não poderia basear esta descontinuação no ensino da Escritura.

Diferente, e ainda assim igual

Em adição à Ceia do Senhor, Paulo descreve outra prática simbólica no mesmo capítulo. Um pouco antes de repreender os coríntios acerca de como eles estavam sendo negligentes com a Mesa do Senhor, ele os louvou por seguirem outras práticas importantes. Especificamente, Paulo falou de homens descobrindo suas cabeças quando oravam, e de mulheres cobrindo suas cabeças enquanto oravam. E isto foi muito mais do que um comentário de passagem: a explicação detalhada de Paulo acerca da prática do uso da cabeça coberta contém exatamente os mesmos três componentes que seu ensino sobre a Ceia do Senhor. Especificamente, ele (1) apresenta uma nova prática simbólica, (2) dá uma explicação unicamente cristã para ela, e (3) fornece um mandamento incondicional para seu uso durante os momentos de oração.

Assim, nesta passagem da Escritura nós vemos duas práticas simbólicas únicas – ambas ensinadas pela mesma pessoa, à mesma audiência, no mesmo capítulo, com os mesmos três componentes. Talvez isso seja mais do que apenas uma coincidência. De fato, assim como no que concerne à Ceia do Senhor, a

história da Igreja testemunha que crentes ao redor do mundo têm mantido esta prática simbólica do uso da cabeça coberta durante a maior parte dos últimos 2.000 anos.

Influências sobre a interpretação

Então, o que fazemos com esta passagem acerca do uso da cabeça coberta? Estaria Paulo apenas tentando manter uma igreja coríntia mundana em sintonia com os costumes da sociedade pagã circundante? Pelo contrário, a própria passagem indica que esta prática do uso da cabeça coberta (como a Mesa do Senhor) é *unicamente* cristã – e tem *significado cristão*.

E, ainda assim (ironicamente), a ideia de “caminhar em sintonia com a sociedade pagã” é exatamente como muitas pessoas hoje em dia interpretam esta seção do ensino de Paulo.

Obviamente, durante as últimas gerações, a prática do uso da cabeça coberta desfrutou de uma sorte diferente do que a da Mesa do Senhor. Mary Kassian (professora no *Southern Baptist Seminary*) escreve, “foi apenas nas últimas três ou quatro décadas que a sua observância cessou – particularmente na sociedade ocidental.”³

Mas, assim como no que diz respeito à Mesa do Senhor, sua descontinuação não pode ser baseada na Escritura. Pelo contrário (como logo veremos), o declínio da prática do uso da cabeça coberta é fortemente devido à influência da *sociedade ocidental moderna*.

O resultado paradoxal é que muitas pessoas hoje em dia (elas mesmas influenciadas pela sociedade ocidental moderna) interpretam as instruções da Escritura acerca do uso da cabeça coberta como sendo primariamente influenciadas pela sociedade ancestral do Século I. Como o próprio Paulo não faz tal conexão com a sociedade do Século I, o argumento da “influência social” funciona, na verdade, de forma diametralmente oposta. Em outras palavras, enquanto a prática *histórica* do uso da cabeça coberta não pode ser explicada em termos de influências sociais, a prática *moderna* de *não* cobrir a cabeça pode facilmente ser explicada em termos de influências sociais.

Os efeitos da nossa sociedade: a narrativa histórica

Ao lerem as instruções de Paulo sobre o uso da cabeça coberta, muitos leitores modernos fazem, automaticamente, esta suposição: na Corinto do Século I deveria ser normal para as mulheres usarem a cabeça coberta em público. Em outras palavras: “o uso cristão feminino da cabeça coberta era baseado em padrões sociais.” Enquanto uma *influência social* nunca foi realmente o caso historicamente, ela é, de fato, o caso em tempos modernos.⁴

Por exemplo, a revista *Christianity Today* (de setembro de 2013) sublinhou uma causa cultural específica para o não-uso da cabeça coberta durante o culto cristão hoje: “A prática do uso da cabeça coberta continuou até o começo do Século XX... [Mas] a prática bíblica se tornou meramente uma tradição e então, quando os chapéus ficaram fora de moda, a prática foi deixada pelas igrejas cristãs.”⁵ Durante aquele período de transição, vários meios de comunicação informavam⁶ que as “sem-chapéus” criam que “é fisicamente muito mais confortável [estar descoberta] do que o contrário” e anotavam que havia um sentimento crescente de que “a Igreja deveria avançar de acordo com os tempos.”

Além do mais, o uso da cabeça coberta, na sociedade ocidental, é frequentemente associado ao islamismo. Assim, tornou-se muito menos atrativo dentro do cristianismo tradicional. Note, contudo, que o uso cristão da cabeça coberta antecede significativamente a prática islâmica. Mais do que isso, o uso da cabeça coberta nem ao menos é ordenado no Corão, e a popularidade do *hijab* moderno é um fenômeno apenas relativamente recente (com seu estilo manifestamente inspirado em pinturas históricas de mulheres cristãs).⁷ E então, novamente, a questão da influência social está relacionada mais aos cristãos de hoje do que aos crentes do Século I.

Os efeitos da nossa sociedade: A narrativa de gênero

Além da questão relativa às tendências da moda, outra suposição comum (e moderna) é que Paulo estaria encorajando as mulheres coríntias a simbolizarem o papel de seu gênero como ditado pela cultura do Século I. Especificamente, alguns comentaristas bíblicos afirmam que apenas prostitutas (ou mulheres adúlteras) caminhavam pelas ruas de Corinto com as cabeças descobertas – e que Paulo queria certificar que as mulheres coríntias evitassem parecer com aquelas. Ao

mesmo tempo, Paulo também teria procurado usar a cobertura da cabeça como o método culturalmente apropriado para reconhecer o status inferior, de segunda classe, da mulher em um casamento na sociedade coríntia. Novamente, no entanto, a evidência histórica (para não mencionar a evidência bíblica) não apoia tal interpretação.⁸

Ainda assim, esta mesma linha de argumentação apenas se torna válida quando aplicada aos tempos modernos. Noutras palavras, o não-uso da cabeça coberta hoje é frequentemente baseado na resposta da cultura *moderna* ao papel dos gêneros. Como um comentarista bíblico afirmou, “Esta é uma das muitas passagens... que levantaram a ira de algumas mulheres, particularmente no movimento de ‘liberação feminina.’”⁹ De fato, a feminista *National Organization for Women* [“Organização Nacional para as Mulheres”] facilmente reconheceu a conexão entre a cobertura da cabeça e os papéis dos gêneros. No final da década de 60 do Século XX, pediu às mulheres que removessem suas coberturas como parte de um evento de “retirada nacional de véus,” devendo as coberturas ser enviadas à organização a fim de que fossem “queimadas publicamente” em protesto.

Em questões relacionadas ao gênero, a sociedade de hoje “progrediu” muito além daquela da década de 60 do século passado. A cultura ocidental moderna frequentemente tem uma visão não-bíblica das distinções de gênero e, assim, naturalmente se opõe ao significado por trás do uso cristão da cabeça coberta.

Semelhantemente, há uma dinâmica baseada na cultura operando no que concerne às instruções de Paulo para os homens. Alguns comentaristas pressupõem que a sociedade coríntia ditava que os homens deveriam ter suas cabeças descobertas durante o culto. Historicamente, o caso era exatamente o oposto.¹⁰ E, ainda assim, uma filosofia baseada na cultura serve muito bem para explicar a prática dos dias de hoje: muitos homens cristãos de hoje tiram seus chapéus no momento da oração como se isto fosse meramente uma regra social de respeito (semelhante a tirar o chapéu quando se entra num prédio, ou enquanto o hino nacional é tocado) ao invés de uma prática arraigada na própria Escritura.

Cultura vs. Bíblia: e agora?

Em hermenêutica (o estudo da interpretação da Bíblia), a questão da cultura pode resultar em dois problemas específicos. Nosso primeiro problema ocorre

quando pressupomos que toda a instrução bíblica é limitada à sua audiência histórica, ou que todas as práticas bíblicas são limitadas à cultura da audiência original. Essas pressuposições são evidentemente equivocadas. A Bíblia ainda fala a nós hoje, e fala com a autoridade do Deus onipotente.

O segundo problema é muito prático: algumas partes da sociedade cristã de hoje são influenciadas mais pela cultura moderna do que pela Escritura.

O resultado perigoso é que tratamos mandamentos da Escritura como “relativos” ao considerarmos que os padrões de nossa sociedade são mais relevantes. Se as instruções da Bíblia são “palavras humanas baseadas apenas na cultura antiga” – e se nós achamos que as normas de hoje parecem bem mais aceitáveis –, então nos tornamos um ouvido surdo à Palavra viva de Deus. Fazemos o exato oposto dos crentes tessalonicenses, aos quais Paulo escreveu: “Por esta causa também nós agradecemos a Deus sem cessar, porque, acolhendo, de ouvir junto de nós, a Palavra de Deus, recebestes não palavra de homens, mas – como é, verdadeiramente – Palavra de Deus, a qual também é eficaz em vós, os que creem” (1 Tessalonicenses 2.13 NTLF35; ver também, 2 Timóteo 3:16-17).¹¹

A solução? Precisamos retornar à autoridade da Escritura – mesmo que isso signifique que nossos pensamentos ou práticas se tornem contraculturais. Felizmente, para nós, estamos em boa companhia. Não apenas Jesus foi, Ele mesmo, frequentemente contracultural, mas também as instruções de Paulo acerca da cabeça coberta foram contraculturais até mesmo para os próprios cristãos coríntios.

Assim, ao buscar convencer os coríntios acerca da necessidade desta nova tradição, Paulo apresentou o simbolismo do uso da cabeça coberta como sendo uma *prática padrão* entre os cristãos (1 Coríntios 11.16). E, como crentes ao redor do mundo hoje em dia seguem as instruções atemporais e inspiradas de Paulo, temos a benção de contribuir para esta mesma unidade.

¹ Versão em Inglês disponível em: <http://www.headcoveringmovement.com/articles/interpreting-1-corinthians-11-using-todays-culture>.

² Traduzido para o Português por irmãos em Curitiba.

³ Mary Kassian, *Women, Creation and the Fall* (Crossway Books, 1990), 179.

⁴ Ao tempo em que Paulo escreveu, a cidade de Corinto era uma colônia romana. A sociedade romana do Século I não tinha qualquer regra de que a mulher deveria usar a cabeça coberta em público. Para mais detalhes acerca disto, por favor, ver “[A Critique of Bruce Winter’s ‘Roman Wives, Roman Widows’ \(Part 2\)](#)” [*em Inglês*], assim como a seção intitulada “Cabeças Cobertas na Cultura do Primeiro Século”, encontrada na p. 24 de [Glória Coberta](#).

⁵ Luma Simms, [Uncovering the Head Covering Debate](#) (*Christianity Today* on-line, setembro de 2013).

⁶ Exemplos desta “grande controvérsia dos jornais” podem ser encontrados nas seguintes referências: “[Hatless Women in Church](#)” in *The New York Times* (20 de agosto de 1903); “Hatless Irreverences” in *The London Mail* (22 de setembro de 1904), p. 8; Douglas Shields, “Keeping Hatless Women Out of Church” in *The World To-day, Volume 9* (Current Encyclopedia Company, 1905), p. 1348; “Hatless Women in Church” in *The Bystander* (30 de agosto de 1905), p. 445; *The Washington Post* (3 de setembro de 1905); p. 51; *The Wichita Daily Eagle* (06 de setembro de 1905), p. 4; “[Hatless Women in Church](#)” in *The Press* (28 de outubro de 1905); p. 7; “A New Issue” in the *Boston Evening Transcript* (29 de novembro de 1905), p. 9.

⁷ [Facing History: A Brief History of the Veil in Islam](#), [NPR: The Case Against Wearing Hijab To Support Muslim Women](#), [New York Post: This Is Not Islam](#), [Oxford Dictionary of Islam: Hijab, A Quiet Revolution](#), [Harvard Magazine: The Veil’s Revival](#).

⁸ Na cultura do Século I, a cobertura para a cabeça não era um sinal de fidelidade conjugal. Para mais informações, por favor, ver “[Sources, Sources... What are your Sources?](#)” [*em Inglês*] assim como as quatro páginas finais de [Glória Coberta](#).

⁹ William F. Orr & James Arthur Walther, *The Anchor Bible (Vol. 32): 1 Corinthians* (Garden City, NY: Doubleday, 1976), p. 262.

¹⁰ Na Corinto do Século I (uma colônia romana), os homens normalmente cobriam suas cabeças durante o culto. Para informações adicionais, por favor ver o artigo “[Is Headcovering Cultural?](#)” [*em Inglês*] assim como o Apêndice C de [Glória Coberta](#).

¹¹ **Nota do Tradutor:** “toda Escritura é soprada-por-Deus, e útil para ensino, para convicção, para correção (para a educação em justiça), a fim de que seja renovado o homem de Deus, [*sempre*] sendo revigorado para todo bom trabalho” (2 Timóteo 3.16-17 NTLF35).